

Semanário de grandes reportagens

N.º 17

1\$00 Esc.

LER:

«A Mêsca de Ouro»

•
«A Mêsca de Prata»

Novela policial do Reporter X



ESPECTACULOS

Teatros

Nacional—21 e 50—O Solar dos Brrigas
 Trindade—21,30—«D. Imenso»
 Ginasio — 21,30 «Deus lhe pague»
 Variedades— 21,50—«Nobre Povo».
 Coliseu—O Fim do Mundo
 Apolo — 20,50 e 22,45—«Zé dos pacatos»
 Maria Vitória — 20,45 e 22,45 — «Viva a folia!»

Cinemas

São Luiz—15 e 21 e 30.
 Tivoli—15 e 21 e 50.

Condes -15 e 21 e 15.
 Central—15 e 50 e 21 e 50
 Olimpia—Das 15 e 30 às 0.
 Capitólio—21.
 Chiado Terrasse—15, e 21 e 15.
 Odeon—15 e 50 e 21 e 50.
 Lys -Das 14 e 50 às 19 e 21 e 15.
 Paris—20 e 45.
 Salão Portugal—15 e 21.
 Palatino—21.
 Palácio -21 e 15.
 Europa—21.
 Royal—15 e 21 e 15.
 Eden-Cinema—(Rua do Alentejo)—21.

Promotora—(L. rgo 20 de Abril, ao Cal' vário)—21.
 Imperial—(Rua Francisco Sanches).
 Salão da «Voz do Operário»—21.
 Cine Oriente—(Penha de França).
 Salão ideal—(Loretto).
 Cine Rossio—21.
 Musical Cinema Parque—(Par. Mayer).
 Pavilhão Português—(Par. Mayer)—21.
 Max-Cine (Rua Barão de Sabrosa).
 Jardim-Cinema As segundas, quartas, quintas e domingos, cinema e concerto—14 e 45 e 21 e 45
 Bêlgica Cinema—(Rua da Beneficência, ao Rêgo)—21.
 Esplanada Vitória—(Rua Alves Torgo).
 Cine Salão Braço de Pata—A's quartas e domingos.

**Rapidez
 perfeição
 economia**



SÓ NA



Imprensa BELEZA
R. da Rosa, 99 a 107
Telefone 2 1622 — LISBOA

TODOS A PREFEREM!



Revelações e estatísticas sobre a nossa literatura e a mundial

O livro de elite e o popular

PELO

Reporter

A CABO de me colar, durante meia hora, a um artigo de certa revista francesa, apinhada de estatísticas sobre o movimento literário do último ano — em vários países. Os contrastes e as conclusões que essas duas colunas informativas provocam — interessaram-me e consolaram-me. Mas, terminada a leitura e resvalando o olhar para... o que vai cá por casa, neste terreno — mais me assombrou a tristeza de se escreva em Portugal.

Ao acaso... Dinamarca... Vejamos: Editou, em 1934 — cento e trinta obras, de literatura — das quais 40 traduções e 90 originais. Dos originais — 20 romances de elite (chamemos-lhe assim) 15 livros de fundo filosófico, ensaios, igualmente assinados por escritores do melhor quilate, 12 biografias — romanceadas — com elevadas pretensões, históricas ou sociológicas. Os restantes 45 constam de obras populares — na sua maioria policíais, folhetinescas, aventuras e mesmo «biografias romanceadas» mas focando individualidades de outra gradação de interesse. Agora — detalhe notável — as tiragens dos livros preocupadamente mentais e destinados, portanto, a um público a que nos habituámos, em Portugal, a chamar «reduzido» — nivelam-se, quasi, aos populares. «Le jardin des amoureux» — diz o articulista que me está guiando — de Karl Wicht, um profundo pensador da melhor dinastia intelectual escandinava teve, em cinco meses, 2 edições totalizando 12.000 exemplares; «Le Secret d'Ulhm» — do Wallace dinamarquês que é Kerlyng — vendeu 15.000. Dos da 1.ª categoria — o menos lido, teve 6.000 exemplares — e dos folhetinescos, nas mesmas condições, não passou de 7.000. E isto, em Dinamarca, um país de 3 ou 4 milhões de habitantes, sem o mundo imenso que está umbilicalmente ligado a Portugal! Porque o livro dinamarquês é redigido em... dinamarquês — e só comprado pelos dinamarqueses — e o nosso podia sê-lo pelos seis milhões do continente e ilhas; por muitos milhões mais espalhados em África, na Ásia, na Oceania, no Brasil e em centenas de núcleos dispersos no estrangeiro...

Mas a Dinamarca foi uma amostra que nem sequer prima por eloquente — na relatividade com o que outros países apresentam.

A «Sociedade de Escritores de Catalunya», cujos sócios limitam as suas produções a uma província da Espanha, a única que «parla catalane», lutando com a hercúlea concorrência dos confrades castelhanos — visto que todo o cats-

lão lê também o espanhol oficial — conta com 85 sócios que vivem exclusivamente da pena, tendo dividido, no último ano mais de um milhão de pesetas, de direitos. Das obras correspondentes — livros e peças de teatro — 65 por cento eram de carácter folhetinesco — popular-policíal... — Isto não impede que estejam concluídos nesses êxitos financeiro-literários «Carne de dona» de Rovira — estudo social-filosófico de extraordinária erudição e duma elevação mental que roça pelo éter — do qual se esgotaram, rapidamente, 20.000 exemplares.

Não falemos da Suíça que, só pode ser vista, daqui, através dum óculo Krupp — um óculo de astrónomo — como se pertencesse a outro planeta — tão des-

Semanário de Grandes Reportagens

nivelada está... Mas sem detalhar — deixem-me dizer que se vende, em Lausana, um jornal (?) ou uma publicação com um aspecto de gazeta diária, como o Diário de Notícias, com 8, 12, 16 e 20 páginas, contendo, todos os dias uma obra, original ou traduzida, romance ou colecção de ensaios, evocação histórica

(Cont'nuar na página 6)

Na região das almas



A alma dum dama: — Então, meu amigo?

A alma dum conselheiro: — Estou com um horrível ataque de gripe!

Ela: — Tome aspirina; Verá como lhe passa.

Ele: — As farmácias desta região não têm especialidades farmacêuticas alemãs!

Homens da Semana

Victor Falcão — Brasileira do Chiado & Bruxelas

ERA meio dia quando alvoradamente o vi, à porta da «Brasileira» do Chiado — e ele me falou como se, como era costume outrora, nos tivéssemos separados, já de madrugada, pela volta das duas, no mesmo local! E num curto-circuito de memória, antes, quasi, de me convencer — medi em vertigem, os vinte anos da maratona da nossa camaradagem, os vinte anos que nos separavam da época de sonhos, ilusões, projectos, soldados dum exercito numeroso — cujos clarins tocavam a reunir, à porta da «Brasileira», ao meio dia — e a recolher, no mesmo local — das duas da madrugada... em diante...

Victor Falcão em Lisboa! Dinasticamente ligados pelo nosso cosmopolitismo jornalístico — com mais alguns anos do que eu — encontro-o igual a sempre, não aparentando nunca a idade que tem — agora está *mais novo* como há vinte anos parecia mais velho — anafado, massiço, um rosto que, dir-se-hia, sem elasticos pela avareza de contrações faciais, mas em que os olhos pequenos e escuros e um ligeiro movimento dos cantos labiais conseguem prodígios de expressão.

A primeira vista de Victor Falcão — é um burguês distinto, bom *causeur*



Victor Falcão
(Visto por Baltazar)

incapaz de uma chacota. As suas primeiras vistas foram sempre assim — escamoteando-nos qualquer sintoma de uma viveza azougada de espírito, de uma inteligência e uma mentalidade jornalística, e literárias invulgares e, sobretudo, dum dinamismo de ironia infatigável — mas sóbria, bem medida, sem excessos a não ser no brilho... Era assim há vinte anos, quando embainhado ao mesmo invólucro, sob o mesmo aspecto burguês, afivelando a mesma máscara, floreteando o mesmo espírito — ele conjurava com os jovens da minha geração na revolta contra os neo-Acacios e Pachecos, sonhando como o mais sonhador — mas já sabendo pôr em prática a máxima percentagem dos seus sonhos...

Ao mesmo tempo que mecanisava, como sábio engenheiro, os juliovernismos dos jovens — triunfava, à *la charge*,

na imprensa: chefe de redacção de *A Capital*, o diário da tarde de maior público da época; e pouco depois — ou antes — o mesmo cargo na *Retsauration* do Homem Cristo (Filho), com duas edições diárias, (um daqueles alardes geniais e aventureiros de Homem Cristo) com uma redacção apalaçada e tapetes preciosos como joias... Depois, a Torre Eiffel, o moderno farol de Alexandria de todos os jovens, enlaça-o — e ele tenta vencer Paris — primeiro colaborando com Homem Cristo na famosa «Agence Fast» — onde se concentrava a propaganda para imprensa francesa dos países menos aparentados — a China e o Chile, o Perú e a Persia — mas a sua sensibilidade, ao roçar por certos processos de vida da empresa arrepiava-se.

Conhece então o Paris que eu descrevo no meu romance «Os cinco mil francos por mês».

Volta a Portugal e realiza uma bela experiência jornalística: «A Revista Portuguesa» —; mas era demasiado intransigente e subia a altitudes demasiado elevadas — para que a publicação se mantivesse muito tempo. Desiludido — expatriou-se de novo. Paris... Bruxelas. E em Bruxelas se fixou, não só fazendo jornalismo para Portugal e Brazil — é correspondente dos principais diários das duas republicas — como integrando-se no jornalismo belga onde ocupa um lugar de relevo, acolhido nos meios sindicais — como se belga fôsse. Mas neste momento, a sua melhor obra, é a de jornalista diplomático em defeza dos interesses de Portugal na Belgica — ou seja — pondo ao serviço da pátria a sua situação jornalística... Mas sobre este ponto — um dos redactores do «X» publica, neste número, uma detalhada entrevista em Victor Falcão. Esta nota — é apenas... um abraço, abafando a saudade dos tempos em que sonhávamos... em coro — antes da vida nos dispensar de todos...

Artur Inez escritor policial — «Torel-Norte 5853»

Artur Inez é um caso! Conheço-o há um bom par de anos. Simples, correcto, duro por vezes, com uma ou outra pincelada ingénua, — recordo-o quando ele começou como reporter desportista. O desporto era apenas um pretexto para entrar, para passar a fronteira. Era então raro os jornais sortearem uma banca de redacção — e qualquer das secções que Artur cobicava — com todo o direito estavam antecipadamente regalados a qualquer apadrinhado... Em comparação no elenco dos jornalistas do *foot-ball* notava-se deficiencia de elementos. Artur — com um ar mui sóbrio, torcendo às vezes os lábios num tic, *fingia* sentir-se satisfeito como crítico de guerra da bola e de esgotar todas as segregações do seu encefalo nos comentários e narrativas de batalha... Mas pouco e pouco Artur Inez foi passando a bola ao parceiro — e conquistando, legitimamente, o seu lugar no jornalismo português. Foi a segunda fase — ou a primeira-bis, visto que a outra não interessa. Subito, na oportunidade, Artur já jornalista não desportista — dispara-se a si próprio, na primeira na segunda, na terceira vitória — um Artur Inez reporter de grande estilo; um panfletário de pulso firme, frase segura, de golpe certo! Ainda não se diluiu a fumaça dessa surpresa — (surpresa para alguns, não para mim nem para muitos)

ei-lo frente ao *Diabo* ultrapassando-se, não só escrevendo com um brilho, e um critério — pouco banais — como sabendo seleccionar, dirigir, chefe de grande orquestra...

A... última surpresa foi a sua incarnation em romancista policial. Já neste número papagueio demais sobre literatura policial para preambular a minha opinião sobre o seu livro com novos comentários... Contudo que me seja permitido repetir: o género exige excepcionais valores — alguns que se conquistam após longa premeditação, outros... expontaneos, de temperamento. E por isso mesmo constitue uma *surpresa* a obra de Artur Inez — porque vindo na altura que vem — atinge uma perfeição de experimentado, de escritor que nunca



Artur Inez

tivesse feito outra coisa na vida! E só esta imensidade de talento de Inez — merece a nossa admiração.

«Torel N 5853» — é um romance policial que, entre todas as virtudes que o género existe, entre todas as exigencias dogmáticas do livro policial — se destacam estas duas: 1.º o leitor que morde a isca do primeiro capitulo — está na situação do peixe cuja boca foi perfurada pelo anzol! — Tem de abandonar todos os projectos — e ir, a galope, até ao último capitulo, como o peixe vai parar à cesta do pescador. Com a diferença: que o peixe, ainda não saboreara a isca — já mal dizia a sua sorte; o leitor do livro de Artur Inez, ao chegar à cesta do último capitulo... desejaria repetir a trajectória; 2.º que todos os processos que sunambulizam o leitor são honestos, verosímeis — *honrados, explicados!* Originalidade — sem disparates! Interesse sem cabriolas!

«Torel N 5853» bem merece o êxito obtido.

E já agora aqui entre nós, um desafo. Não tem conta as obras policiais que eu tenho escrito na minha carreira. Estou razoavelmente blindado contra as armadilhas e surpresas dos colegas do género. Pois um ponto existe em que eu não perdoo ao Artur Inez — a neofita do género: é que me *trapaçou* até boa altura — como se fôsse o menos batido dos folhetinistas!

Isto não se faz a mim, Artur!

R. X.



— À esquina do Chiado — falando com um guarda da S. P. ...

Um redactor do «X»

entrevista todos os desconhecidos que encontra na rua

É hábito antigo nesta atarefante vida dos jornais e na busca ininterrupta de estimulantes para os nervos do público — usar-se da entrevista como dum remédio heróico e fácil. *Um homem do dia* — que se entronisou graças a um clarão de política ou de arte ou de heroísmo ou a um gesto espectacular — salva sempre o jornalista de apudós — porque é entrevista certa e apetitosa...

Mas como os homens que são o caso do dia, desaparecem eclipsados pela própria áurea que os cerca fomos escutar aqueles transeuntes, que descuidados desciam o Chiado, e que estavam muito longe talvez de virem a ser um dia entrevistados.

Era necessário entrevistar qualquer pessoa, que ainda não tivesse sido ouvida.

Mas quem? Um professor? Um militar? Um jornalista?

Infelizmente a maior parte daqueles que muito poderiam dizer já tinham sido ouvidos, já haviam confiado tudo a outros jornalistas.

Foi então que resolvemos, pôr em prática aquilo que momentos antes nos haviam sugerido: — entrevistar toda a gente.

E porque não havíamos de escutar qualquer pessoa, das muitas que desciam a essa hora o Chiado, distantes da ideia de confiarem aquilo que pensam a indiscrição dum jornalista?

Fala-nos um guarda da Polícia de Segurança Pública

Kodaquisei para principiar, o polícia da esquina, que fazia serviço, encostado à «Bertrand».

Era o 1648, da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, que presta habitualmente serviço na 4.ª Divisão, do Governo Civil.

Chama-se Domingos Correia, é invulgarmente alto, e tem o aspecto duma pessoa correcta, que decerto se não recusaria a conceder-me a entrevista.

Disse-lhe ao que ia. Expus-lhe a necessidade de fazer entrevistas com alguém, que nunca tivesse sido escutado para os jornais.

E uma vez exposto isto, principiei a interrogá-lo:

— O que pensa de tudo isto?

Olhou-me num ar sério, inquiridor e penetrante, exteriorizando um espanto idêntico àquele que eu tive quando me sugeriram a ideia de entrevistar as primeiras pessoas que encontrasse.

— Mas o que penso de tudo isto, o quê? interroga-me o guarda, desconfian-

do talvez que se tratasse dum caso que pedisse enfermagem no Telhal...

— O que pensa da vida, por exemplo?

— Ah! Isso é outra coisa. Julgo que é preciso trabalhar por ela e para ela, jamais para quem como eu escolheu esta profissão, tantas vezes odiada mas necessária.

— Está satisfeito com a sua profissão?

— Sem dúvida. Creio mesmo que nenhuma outra vida me satisfaria tanto.

— Se não fôsse polícia, que desejava ser?

— Maquinista da Companhia dos Caminhos de Ferro!

— Qual foi o momento mais emocionante, da sua vida profissional.

O Polícia pensa um pouco. Fica talvez passando revista às suas memórias.

E depois responde: — Foi quando uma vez, na Serra do Monsanto, indo fazer uma apreensão de bombas, tive de prender o sr. V. C. que fôra quem me metera na Polícia e a quem eu devia a minha carreira.

Faço-lhe uma pergunta para terminar: — o que julga da política?

O 1648, sorri, encolhe os ombros, e remata a entrevista dizendo: — um polícia não deve ter política. A sua política é cumprir o seu dever.

Fala-nos uma expedinte, que hoje vende santas e cautelas

A sr.ª Maria de Oliveira, mora em Campo de Ourique, e não sabe ao certo a sua idade. Creio que passou a casa dos setenta. É uma velhota, amorfanhada, pelo tempo, cheia de rugas, que lhe dão um aspecto, que tem algo de místico e de trágico. É uma figura anónima da rua, dessas que nós topamos, sem quasi reparar, aí, a cada esquina.

Logo que lhe dirigimos a palavra, ela lança-nos uns olhos apavorantes, e interroga a tremer: — O sr. é da polícia?

Tranquillizo-a. — Não. Quero apenas que me responda a umas coisas que lhe vou perguntar, para o jornal.

E começo: — O que pensa sobre a vida?

— Ó meu senhor: eu cá não penso nada! Ora o que havia de pensar... Vai-se vivendo, — que a vida está má e dos pobres ninguém tem pena.

— Qual é a sua profissão?

— Olhe: vendo santos e cautelas, mas isto não dá para nada, e eu tenho dois netos a sustentar. O pai morreu vai para dois anos, no hospital.

— E não tem mais nenhum filho?

— Não senhor. Tinha um que mor-

reu quando mataram o rei. Poucos momentos antes, um senhor de barbas tinha-me dado meio tostão. Eu nesse tempo pedia esmola. Era doente e não podia trabalhar. Fiquei satisfeita porque nesse tempo as esmolas de meio tostão eram raras. No outro dia, ainda com o meu filho morto, vim a saber quem tinha sido o generoso bemfeitor: — fôra o Buiça, o que matou o rei.

A velhota, limpou uma lágrima rebelde.

Depois passou a interrogar-me: — O sr. é de África?

Disse-lhe que não.

— Ah, é que parecia, pela cor...

— Eu já estive um ano em África, presa.

Peço-lhe que me conte.

— Foi no tempo do sr. Ferreira do Amaral. Eu pedia esmola. Tive tantas prisões, como tenho cabelos brancos. Depois fui para África, e estive lá um ano, até que voltei de novo a Lisboa.

— Então agora, não pede?

— Não senhor, mas quando pedia, governava melhor a minha vida. Se eu pedisse agora, ia para a «Mitra» e para prisões já bastam aquelas que eu tive.

Despedimo-nos. E ela estendendo-me uma santa, insistiu que eu a guardasse como lembrança, acrescentando: — oxalá que lhe dê sorte. Cá a mim lido com tantas, que não dão sorte nenhuma.

(Continua na pág. 15)



— O nosso redactor ouvindo aquela velhinha, mendiga...

Revelações e estatísticas sobre a nossa literatura e a mundial

(Continuação da página 3)

ou biografia romanceada, com a composição correspondente a um volume de 300 a 400 páginas, ilustrada — ao preço de qualquer jornal!

Seria possível, nesta terra, ver-se, o eterno Ximenez, funcionário público, sair de casa de palito na bôca e antes de subir para o eléctrico, pedir ao ardina, juntamente com Século e pelos mesmos três tostões — uma obra de Aquilino ou a tradução da última folhetinada de Sabatini?

Em Portugal — vários escritores e jornalistas da minha geração — e da seguinte — têm tentado reagir contra — não direi hostilidade passiva do público ante a literatura, mas o seu indifferrentismo, o seu absoluto desparentesco espiritual, sonolência, incompreensão de que da leitura dum livro resultem umas horas emocionantes e saborosas... Tivemos há vinte anos O Orfeu. Orfeu tinha um carácter revolucionário, o objectivo de mudar, em absoluto, as agulhas bus-solares do gosto e da visão, não só dos poucos que ainda liam mas também dos que escreviam, pô-los em dia, pô-los ao corrente da vida mundial. Triunfaram; conseguiram reviravoltar os espiritos; mas como a sua missão era apenas revolucionária — a sua influência imediata limitou-se a uma reduzida fauna — e só há poucos anos, as maiorias, inconscientemente, se deixaram contagiar pelas teorias do Orfeu.

Dois moços audaciosos e de legítimo valor, Tomaz Ribeiro Colaço, com Fradique; Artur Inez com o Diabo. — quiseram romper com a rotina, estabelecendo um contacto mais estreito e fácil entre público e letras. Também se anuncia o Bandarra — mas esse não o conheço ainda. Algo conseguiram — mas tão lentamente e num diâmetro tão acanhado... Mas mesmo como podemos nós afogear-nos, numa esperança, ao vê-los surgir e triunfar — se temos aqui, sob a nossa vista, entre as estatísticas do artigo citado, notas, como esta:

«Uma das literaturas europeias que mais rapidamente tem progredido e dilatado — é, sem dúvida, a tcheco-eslovaca. Em Praga publicam-se, actualmente, doze jornais exclusivamente literários, de informação e crítica — sendo um no género do Gringoire, mas diário, como Comedia, com uma média de 10 a 16 páginas e uma tiragem fixa de 20.000 exemplares — embora o seu preço seja o dôbro dos outros diários.»

Outra: «Rotterdam possui hoje 8 casas editoriais — literárias e algumas podem competir com as mais activas dos grandes países. A produção literária, na Holanda, regula por 200 volumes anuais — sendo 100 a 120 do género popular-policia, folhetinesco, etc.»

O que mais intriga nesta nossa crise actual do livro (no que se refere apenas a Portugal e pondo de parte o mercado brasileiro, ou seja a falta inverosímil de leitores portugueses) é que ela é relativamente recente. Se o analfabetismo é ainda apavorante se explica ou desculpa muita cousa — a verdade é que no século XIX os analfabetos eram mais numerosos, em Portugal, do que actual-

mente. E contudo no século XIX lia-se infinitamente mais do que hoje! A produção era notável! O elenco de escritores pouco inferior — em número — ao de agora; as tiragens regulavam pelo mesmo; vivia-se de escrever livros; a edição de traduções caminhava num paralelo constante com o movimento universal! Lia-se muito Xavier de Montepin, e Sue, e Terrail; e também se improvisavam alguns nacionais; e o próprio Gervásio Lobato obteve grande êxito, no género com os «Mistérios do Pôrto» e «Invisíveis de Lisboa»; e o próprio Camilo, num alarde de imaginação, lançou os «Mistérios de Lisboa» e «Livro Negro do Padre Deniz». Bem sei! Bem sei que a par dessa literatura — havia o génio de Camilo, espontaneamente ao paladar romântico da época, espregando lágrimas das burguesinhas, adoecendo de fatalismo, os Antons cá da terra; e que Pinheiro Chagas, e sobretudo Júlio Deniz, no suave e doce sonho dos seus livros, apaixonavam as leitoras... Mas também havia Eça, com os seus romances provocadores e no index de certa elite; e Ramalho, com os seus ensaios formidáveis; e anteriormente Garrett e Herculano e Castilho — mais recente Oliveira Martins e até Fialho, que, se muito rabujava porque as suas obras não lhe produziam as mesmas riquezas do que a um Zola ou Mirbeau — não deixava de ser lido e comprado!

Como se explica, pois, esta queda brusca, este brusco «poço de ar»? Não será porque...? Mas não nos precipitemos.

O pasmoso caso do Brasil — é bem conhecido. O Brasil vivia, sonolento, a importar o que nós fabricávamos em Portugal... Lia — mas não editava — dando portanto a impressão que tão pouco escrevia, que o aleijava a falta absoluta de mentalidades literárias. E tanto assim que os raros escritores que apareciam, como por ilusionismo, o Coelho Neto, o Paulo Barreto... — eram editados pelo Lelo, no Pôrto... Súbita mudança! O Brasil transforma-se num poderoso mercado editorial. Fundam-se companhias, verdadeiros potentados, bem untadas de capital — que golfam para as montras, todos os dias, jactos intermináveis de livros novos. Simultaneamente, nas cidades de 2.ª categoria, aparecem também editores, mais modestos, sim — mas que são admiráveis guerrilheiros da revolta... As suas obras são lançadas com brilho gráfico, a preços tentadores e sãbiamente escolhidas... Pouco a pouco o livro português ficou sem um cacifo onde coubesse no Brasil; e ao mesmo tempo que a capacidade compradora desse mercado se dilatava a proporções imprevisitas — o Brasil invadi-nos, conquistava-nos, com as suas produções...

Dissemos há pouco... Sãbiamente escolhidas. Expliquemo-nos... Quando, há anos, o Brasil rompeu este movimento — a sua sabedoria não estava na elite dos autores que escolheu, mas sim na certeza de pontaria que fazia! Poucos nacionais... Quasi tudo traduções — e traduções de Wallace, o rei dos roman-

ces policiaes, Sabatini, o «Dumas moderno», Jack London, Hull, etc. — todos autores populares, e às centenas de obras; ou então a Baronesa de Orczy, a Barclay, Delly, Chantepleuse, as escritoras de livros brancos ou azues, livros para burguesinhas, neo-romanticismo ultra — ingenuo... E só depois — vieram os outros autores estrangeiros, os da «élite»...

Mas a maior revelação do «caso brasileiro» é que, a par duma brusca ânsia de leitura de todo o país, criado, premeditadamente, calculadamente, pelos seus editores (basta dizer que há 15 anos se vendiam, em média, em toda a República 145.000 livros — número que hoje atingiu perto de 300.000!) têm-se projectado do mistério centenas de escritores nacionais, de todos os géneros, que pasmam pela altitude do seu talento, pela audácia da sua técnica, pela originalidade da sua forma!

A que atribuir todos estes fenómenos?

Em Portugal existe uma fauna literária snob ou pretenciosa que despreza o romance popular, considerado, por eles, plebeu — afastando-se dessa literatura como um gentleman, encasacado e perfumado repele um mendigo andrajoso. Sem querer defender-me — tanto mais que se pratico este género não é... por espontânea ambição do meu espirito — parece-me que a literatura imaginativa, desde que seja, como em todas, honesta, elevada e sincera, é tão digna de admiração como outra qualquer. O esforço mental dum «escritor de fantasia» não é para apoucar... Temos mais: é que é frequente ver um folhetinista desmentir os pedantes — compondo uma obra de elevação mental. Em contrário — raro é o escritor categorizado entre os de «élite» que seja capaz de escrever um conto imaginativo, que seja! Luiz do Vale, o mais plebeu dos folhetinistas espanhóis — pouco antes de morrer teve o capricho de aproveitar as suas horas de ócio... de millionário — escrevendo uma obra filosófica-social: El granuja. Toda a crítica, a mais exigente afirmou que El granuja podia ser assinado por Benavente!

Fialho quis um dia, na redacção da Luta, tentar um conto-folhetim. Ia cedo, passava lá o dia, enchia os cestos com o papel que amorfanhava, mal rabiscado; e ao cabo de oito dias, tendo apenas a meia dúzia das linhas iniciais escritas — desistiu. Um amigo do autor da «Madona do Campo Santo» declarou-me que Fialho, nos últimos tempos de vida, na Vila dos Frades, cercava-se de romances folhetinescos e populares e confienciava imensa tristeza por não possuir aquele dom imaginativo... Mas essa literatura merecia ainda outro tratamento por parte dos escritores da elite — porque a sua missão é muito mais útil do que eles pensam...

Para que os livros se vendam é preciso que existam... leitores-compradores (como diria Mr. de La Palisse...) Ora

(Continua na página 15)

Misterios da alma e da arte

Talentos, fenômenos, vocações

«à la surprise»

ou as inteligências extraordinárias, excêntricas, e ignoradas que Portugal possui

O português é por comodismo, por hábito e por educação adquirida, avesso a viajar. Mas, quando sai da sua apatia e se resolve dar um passeio logo à memória — por um estranho fenómeno psíquico — lhe acodem as luxúrias recontadas de Paris e as belezas apolíneas dos edifícios londrinos.

E segue então viagem.

Faz, em regra, uma vida «barata» em «restaurants» automáticos e hotéis de 5.ª categoria.

No entanto, quando regressa, para alardear importância e dar aos outros que o escutam uma *ideia do que viu*, pinta-lhes o Paris fantasista que não gozou, impinge-lhes novelas já relidas, mas que jura ter vivificado.

Não o preocupa uma noite de desfolhada do nosso Minho, onde as margarocas são barras de ouro moldadas no «folhelho» branco, nem o nascer do sol, da Praia da Rocha, algarvia, um nascer inigualável, apoteótico, divino.

Eu devo ser dos poucos portugueses que conhece Portugal, como os dedos da sua mão.

Do estrangeiro apenas Barcelona, complicada até ao labirinto das suas ruas, Sevilha, trepidante como um cartaz de «zarzuela» e Ayamonte — a cidade da Nossa Senhora das Angústias, a cidade «Bela», evocativa e risonha.

Desta minha «mania» de «Portugal-trotter» o que mais me tem preocupado são os tipos espalhados, as inteligências dispersas, os génios embrutecidos que em futuros trabalhos de maior detalhe hei-de trazer à luz vibrante da publiciparagonática dos jornais.

Por agora apenas um «punhado».

Um grande poeta que não sabe escrever

Chamavam-lhe o «Ti-João» e diziam-me que tocava guitarra e improvisava cantigas.

Já lá vão alguns anos e não sei se ainda vive. Era um bom velhote — sem ninguém de família a consolá-lo nos seus *achques* frequentes, pelos muitos anos de lida na pesca da sardinha e do atum. No entanto era espirituoso, alegre e a sua conversa fluente, encantava pela suavidade do «timbre». O «Ti-João» era analfabeto; sabia apenas contar até 100 e desenhar péssimamente, o nome que lhe deram: — João Gonçalves Queiroz.

E um dos casos mais curiosos destes «casos» que estou relatando. Não sabia ler e... fazia improvisos admiráveis de ritmo, de estrutura e ideia.

Eram cantigas populares, versos de 7 sílabas, a «especialidade» do Ti-João. Uma quadra banal, para as noites de S. António:

Cantigas e mais cantigas
Mais foguetes e balões
Toca a cantar raparigas
Toca a subir corações.

Um cego escultor do Minho — O poeta analfabeto. — O homem que fez uma máquina de costura. — Operário metalúrgico «double» de grande matematico e jogador de xadrez, — etc...etc...

E outra duma ingenuidade chocante:

De noite sonho contigo
De dia sonho também
Vê como sou teu amigo
— O meu amor, minha mãe.



O «Tio João», um analfabeto que vive de esmolas, em Estombar (Algarve) e cujos versos são maravilhosos

Digam-me agora: — o que seria este homem, com bagagem «estilística» e literária?

Que maravilhas de arte poética não produziria a sua inteligência rara?

O homem que fez uma máquina «Singer»

Em S. Gião, na Beira-Alta a dois passos da Serra da Estrêla e a 2 léguas de Oliveira do Hospital existia um tal Francisco Sequeira, filho do ferreiro da terra, e ferreiro também, que me forneceu, com as suas aptidões de engenharia, mais um «tipo» para esta reportagem. Apesar de ter só 19 anos o Francisco já era casado.

Um dia a mulher — sempre as mulheres — quis à viva força uma máquina de costura, exigência banal e vulgar mas que custa os olhos da cara aos maridos.

O Francisco não se atrapalhou.



Uma estatueta feita por um cego miúdo, que nunca estudou escultura e que antes de cegar — era sapateiro

Atirou-se ao trabalho e no fim de 6 meses tinha construído uma perfeita máquina «Singer».

Todo o povo se alertou — do mais inteligente ao mais boçal — mas o «prodígio» nunca passou do conhecimento de «mil» quando merecia o de «todos».

Eu vi a máquina a funcionar perfeitamente com a máxima regularidade e sinceramente me expantei.

A canela, as engrenagens, as rodas, os parafusos, as porcas, os eixos, tudo absolutamente tudo feito pelo Gonçalves.

É admirável não é?

Este ferreiro «prodígio» é hoje praça da nossa marinha de guerra e não há muito que o vi «gingão» em plena baixa a olhar um imponente automóvel rente ao passeio.

Em que estaria ele pensando?

Uma extraordinária vocação

Um dia precisei de fazer a pé a viagem da Chamusca para Golegã, um destes dias lindos, inundados de Sol a luz ardente do Ribatejo.

Acompanhavam-me várias pessoas amigas. Era domingo. Entre elas iam duas raparigas, irmãs, em férias na Chamusca e filhas do dono do Hotel Mondego, Maria Alda e Fernanda. Iam passar 8 dias a casa duma tia na Golegã onde seguiriam para Lisboa. Maria Alda era aluna do Conservatório Nacional de Música e levava consigo um violino e uma pasta de músicas.

A certa altura deparou-se-nos um rancho de rapazes e raparigas da terra, dançando ao som dum «harmonium» que um latagão moreno, tisonado pelo sol na luta pela vida, tocava de pé molemente encostado a um sobreiro.

Maria Alda por simples brincadeira tirando o violino da caixa pôs-se a tocar também. Espanto da gente do povo e do pobre tocador que nunca tinha visto um violino.

Pediu para o experimentar — tinha a paixão da música, dizia — e aqui... é que só ouvindo o leitor poderia fazer ideia.

O improvisado violinista arrancava do violino tudo quanto queria; as notas saíam-lhe perfeitamente modeladas, no seu justo equilíbrio e a extensão, duração e interpretação eram absolutamente justas e rigorosas.

Apossou-se de nós um delírio de Arte; quedamo-nos longas horas ao pé do fenómeno mas... em breve todos o esqueceram.

Este caso só pode ser comparado àquele outro do filho do sineiro de S. Trocado que ajudando o pai apenas com 9 anos, tirava dos sinos toda a música que lhe apetecia, bastando apenas assobiar-lhe uma ária — fosse qual fosse — para ele a reproduzir imediatamente.

(Continua na pág. 15)



A polaca fora vista sair dum auto na estrada de New-Castle, e caminhava sobre a tempestade

E STIVE três vezes em Londres: a primeira — quando Epitácio Pessoa, delegado do Brasil á Conferência de Versalhes, recebeu, em Paris, a notícia da sua eleição á presidência da Republica e aproveitou a sua estadia no velho continente para iniciar, com pompa mundial e reflexos lisonjeiros para o amor-próprio dos seus eleitores, o seu mandato — com visitas a vários colegas, chefes de Estado da Europa — o Rei da Itália, da Bélgica, da Inglaterra... Segregava dêsse plano aquela vaidade burgueza — bem americana — dum presidente da republica micular-se com um convívio de... *velhos camaradas coroados*, êsses soberanos europeus que pertencem a dinastias cujas raízes perfuram os séculos e quasi que tocam a maçã do Paraiço. Epitácio, dilatando o torax a estoirar os botões do colete — devia monologar, no íntimo: — Qual o chefe de estado americano que teve, como eu, um contacto directo com Vitor Manuel de Itália, com Alberto I, da Bélgica, com Jorge V, de Inglaterra...?

Encarregado da reportagem — fui a Londres na comitiva de S. Excelência — mas não vi Londres senão de esguelha,



O sargento detective Dyson procurou-me no Regent-Hotel

Colecção de novelas misteriosas

do «X» pelo Reporter X

espreitada de fugida, atravez das vidraças dum auto. No segundo (em 1929) e terceiro raid (1930) — raid de jornalismo mais leve — já me foi permitido mergulhar na grande capital, transparentá-la, ser recebido, por Londres, em pantufas e robe-de-chambre. Este episódio a que me vou referir data, precisamente, da última estadia.

A primeira surpresa

Hospedara-me no Regent-Palace-Hotel, no centro de Londres — em pleno Piccadilly — um hotelzinho de 2.000 quartos, um hall como a sala do Coliseu dos Recreios — em cujo movimento a percentagem dos hospedes é inferior aos não hospedes — aos que veem apenas tomar chá, ouvir música, palestrar, visitar forasteiros, almoçar ou jantar, barbear-se, comprar bilhetes para teatro, fazer a correspondência em papel... gratuito, do hotel e nos escritórios públicos e livres do hall; ou apenas para *rendez-vous*.

Uma tarde, dessas tardes do lugar-comum londrino que ás 15 horas já embrulham a cidade na noite, aborreci-me numa apatia geral, de físico e de espirito, abancado a uma mesa do hall havia duas horas, sem decidir-me a erguer e a agir; com um estendal de *magazines*, vistosos, *girls* de papel policromo, sôbre a mesa e sem resolver-me abri-las, folheá-las... Podia chamar áquele transe — dormir acordado

Insistente e agudo como um florete devia ser *aquelle olhar* para que me levantasse um pouco, primeiro, daquele poço de sonolência; e para me reanimar, depois, uma sacodidela violenta.

Frente á minha mesa estava um casal jovem. Ela tinha um ar simultaneamente esquivo, doloroso e tímido. Dir-se-ia sentir-se deslocada, naquele meio; arrastada para ali contra vontade; e procurando abafar uma crise de angústia e de pranto... Esforçava-se por apagar-se, ocultar o rosto — sobretudo os olhos... E o rosto era gracioso, embora triste; os olhos é que estavam avermelhados, queimados de lágrimas recentes — embora já secas. Ele vestia a farda de um 2.º tenente de marinha — mas não era da inglesa — nem conseguí decifrar-lhe a nacionalidade — apesar de ser algo extravagante.

Mas foi êle quem me chamou a atenção... Sentado numa atitude pretenciosa de desafio, recostado, perna traçada; o rosto contraído, os lábios torcidos; espetara nos meus olhos os seus olhos cheios de dureza e de prosápia, num mixto de hipnotizador em plena faina e dum fanfarrão a provocar alguém.

Pestanejei um pouco atontado, observando discretamente o casal e correndo-me que jamais os tinha visto; medi toda a basófia do cavalheiro — e decidi-me floretear com êle naquele jogo do sisudo! Enquanto êle durava — não perdia um detalhe dos movimentos da moça... Ela — permanecia silenciosa — embora agitada num azougue de inquietação moral. De volta e meia esguelha-

«A Mõsca de Ouro»

«A Mõsca de Prata»

Uma aventura em Londres. — O casal do «hotel Regent-Palace». — Cozida e a sua visita ao meu quarto. — A morte da polaca. — A morte do ouro. — A morte do prata.

va o olhar para mim — a medo — e logo apertava as abas do seu modesto chapéu para que eu não pudesse fixar-me nas suas feições — que, alias, já tinha de cor! Uma vez inclinou-se para o companheiro, segredando-lhe algo que defini ser de desaprovação á sua atitude. Ele, sem a olhar sequer, fez um gesto de enfado — e prosseguiu...

Mas de nós dois foi o cavalheiro o primeiro a fatigar-se! Teve um repe-



Proximo do «cabaret», um Win



A segunda novela que hoje publicamos, original e inédita do Reporter X, deve suplantiar o exito da primeira, pela emoção do seu enigma e pelo seus empvistos constantes

Ya! Ya hablaremos! Ella, la pobre, piensa que tu es Quixote y que... Locos los dos! Y no te olvides que Cristobal Colon y Miguel Cervantes estan en Inglaterra! Y sabes que lo que les hecieses merecia ya castigo! Ternemos aun la «Mosca de oro»! Adios, Granuja...»

E afastou-se, imponente no seu desprezo, firme nas suas ameaças.

Eu, confesso, fôsse porque ainda me acorrentasse á cadeira os restos daquela modorra ou porque o imprevisito monólogo daquele estrangeiro fardado me tivesse aturdido até á hipnose do meu cérebro ter sofrido qualquer *panne* de gravidade — não reagi, não esbocei uma explicação que devia convencê-lo que estava no mar alto dum estúpido equívoco; nem sequer o esbofetei quando me insultou... Fiquei... *apavilhado!* Aparvilhado é o termo!

Enquanto estavam no «sisudo», mantive firmeza — mas uma firmeza inconsciente, sem raciocínio. Mas as suas palavras — desnorream-me! Se não o conhecia! E quem era aquela pequena — que, segundo os seus irónicos termos, me julgava um Quixote que viera salvá-la? E o disparate daqueles Colombo e Cervantes que, alguns séculos apoz a morte, vinham para Inglaterra? E o que significava a «Mosca de Ouro»?

«A mõsca de prata»

Mal sabia eu que a cena do «Hall» era um ligeiro preambulo da empolgante e confusa aventura que me engolfara sem eu saber...

Procurei, naquela noite, distrair-me, aguar os efeitos nervosos do que se passara, anestesiá-lo, primeiro com uma farça em qualquer teatro de West-Sud, depois com simulacro de orgia num discreto cabaret russo, em Wine-Street. Recordo-me que ao dirigir-me para lá — notei, pela primeira vez, a lanterna vermelha dum posto-policial...

Entrei no hotel perto das três — e, aqui entre nós, um pouco... anestesiado já — porque o champagne era esplendido e relativamente barato... Preparei-me para deitar — quando bateram á porta do quarto, mas tão suavemente — que mal me apercebi... Quedara-me hesitante apurando o ouvido — quando novas pancadas na porta, menos leveza, me obrigaram a abri-la...

Que se visone a minha surpresa — ao ver, no corredor, observando todos os cantos, como se temesse ser surpreendida — a... jovem da tarde, a do hall, a que acompanhava o oficial estrangeiro — a «dolorosa», a que tinha os olhos vermelhos de lágrimas... Entrou rapidamente; ela mesmo fechou a porta; e impondo-me silêncio com um gesto enérgico — e ao mesmo tempo terno — murmurou-me uma frase num idioma desconhecido. Nem por um só vocábulo podia deduzir que lingua falava essa moça. E quando ia tentar explicar-lhe, com a variedade do meu reduzido poliglótico, que não entendia uma só palavra do que me dizia, ela, crispando o rosto e espalmado as mãos, exigiu com

havia um posto policial



Vestia uma farda de marinha — mas não era inglesa...

mais energia ainda, que me calasse... Obedeci. Ela então retirou dum bolso da gabardine um minúsculo objecto — que, ao primeiro olhar, não compreendi o que fôsse. Quando mo entregou e eu o examinei — meio atontado me quedei.

Era... era... uma moça — não uma *mosca de ouro*, como evocara o tenente de marinha — mas sim uma *mosca... de prata!*

Quedei-me com a *mosca de prata* a brilhar, na palma da mão, sem saber o que fazer dela — fitando a moça num olhar interrogativo. Ela então, com impaciência, desapertou-me o pijama e cravou-a na camisola. Cravou-a é o termo exacto porque não a pregou: *colou-a* e ela *colada* ficou; e tão colada que senti, vagamente, as suas miniatuarias pernitais metálicas a roçarem-me no peito...

Terminada a operação — fitou-me, languidamente! Os seus olhos humedeceram-se de lágrimas! E num brusco rompante — abalou do quarto!

Todo o beneficio de acalmia conseguido com a noitada e, sobretudo, com o champagne — se esfumou com êste imprevisito. O cérebro á busca de um raciocínio que me orientasse — e com paragens frente ao espelho para contemplar a minúscula *mosca de prata* a condecorar-me a camisola!

Mas... estaria eu a ser vítima dum juguete do diabo... — ou de quem? Como era possível que, possuindo Londres uma população de nove milhões de habitantes — fôsse eu, «um estrangeiro», «um» que estava em Londres por um acaso da profissão — o escolhido para alvo de todos aqueles incompreensíveis incidentes?

«Bolas! — foi o remate grosseiro com que fechei todos aqueles enigmas que não conseguira decifrar — atirando-me, furioso, para o leito!

Mr. Dyson sargento detective

Mas a série era ininterrupta! Uma verdadeira *sessão permanente!* Adormecera aí por volta das seis... Dormia a sono solto — quando me bateram ruidosamente á porta do quarto! Era um *groom* do *Consiierge* com uma salva e sôbre a salva uma *ficha de visita* do hotel. O garoto olhava-me com uma expressão, onde perpetuava estranheza, suspeita, e algo de admirativo! Antes

(Continua na pág. 14)

DEUS LHE PAGUE

DE

PELO

Joracy
Camargo

Procópio
Ferreira

VISTOS PELO
EX MENDIGO

REPORTER
X



A entrega de credencias do actor brasileiro Procópio Ferreira, num paico português, era já por si epica-tiva do movimento de interesse dilatado à sua volta. Procópio Ferreira é um artista extranho, artista número impar, dos que crescendo, numa excepção berrante no meio onde nasceram não só pulam sôbre esse ambiente como trepam a altitudes internacionais.

Num paiz com *Teatro*, os grandes homens de teatro baixam na cotação embora gozem de facilidades maiores na fauna internacional. Ser-se grande actor... italiano — com avós de Zaconi em todos os séculos; ou grande comediografo, na França, marinhando pela geneologia plantada por Molière — *buff!* — é como ser loiro e sueco; amarelo e chinês. Basta anunciar-se um histrião, de que nunca se ouviu falar — mas que é sociatário da *Comédie*, parisiense quimicamente puro; ou uma peça social dum russo de nome rematado em *off* ou *eff* — para que cochiche nas vésperas da *première*...

«— Vamos ter teatro a valer, amanhã, no Z... É um artistaço, o tal francês!

Ou então: «— Não faltas à estreia do drama de W... *eff* — ou *off!* Deve ser uma maravilha! E dum russo!»

Do Brasil não nos constam tradições teatrais... Temos, em Portugal, a impressão de que essa lacuna é tão irremediável — como a do vinho do Pôrto na Inglaterra (e quem diz Inglaterra...)... Só falsificando-o, quer em autores como em intérpretes — falsificando-o numa mixórdia de essências ex-

portadas. E como nós, durante o século, fomos o maior exportador de teatro para o Brasil — encaravamos a possibilidade dum *teatro brasileiro* — como os exportadores noruegueses do bacalhau encararam a Suíça...

Contudo — o nome de Procópio Ferreira badalava-se há muito; e ao escutá-lo — provocava-nos espontaneamente a visão dum *grande artista brasileiro*. Essa espontaneidade era injectada no sub-consciente pelo o que se dizia e lia, sistematicamente. Mas precisamente supunhamo-lo um caso isolado, uma excepção, — como um persa que compusesse poemas geniais em português...

Portanto, mais forte do que os dogmas do protocolo ou da efectuosidade natural de acarinhar um *brasileiro* — electrizará o ambiente a curiosidade ante... o *fenómeno*: o *fenómeno dum grande actor brasileiro*. Mas aqueles que quiseram satisfazer essa curiosidade estavam longe de visionar é que a revelação oferecida não se limitava ao tal fenómeno — mas sim ao desmoronar duma crença que era (isto vai doer ao nosso amor próprio): a crença da excepção. Não só também um grande actor que se revelou; foi também um actor — Joracy Camargo. E desde que um país dispõe dum actor e dum autor daquele quilate — forma um *teatro* — sem passado ou com passado débil, mas com presente firme — e um futuro apoteótico.

Muitos daqueles que conheciam os triunfos de Procópio *sur place* e mediani-

a sua popularidade apenas pelo comodismo dalguns dos seus êxitos enclownisando-se em *vaudevilles* grotescos — desabafavam o seu critério — dizendo que o «Procópio» não devia estrear-se com uma peça intelectual, moderna, séria, filosófica — visto que o seu género, ou o *género da sua popularidade* estava na caricatura.

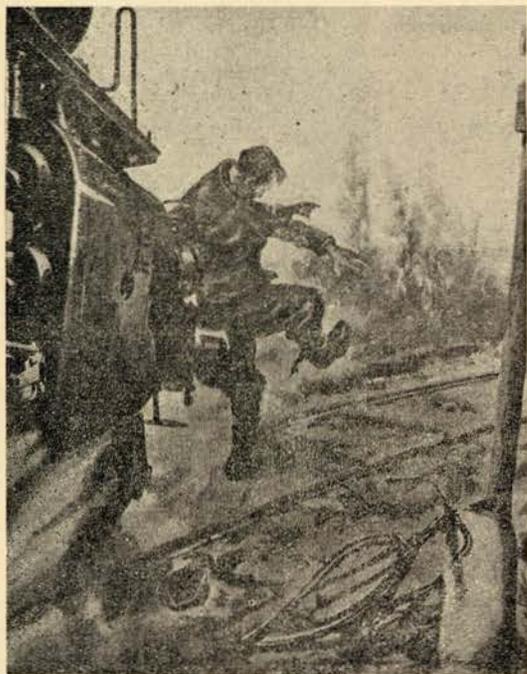
Sob ponto de vista 72 p. c. de mentalidade reduzida — eles tinham razão. Iludiam-se — convencidos de que a arte de Procópio não era a de *Actor* mas sim dum actor feliz em cabriolas e palhaçadas. E contudo, um pouco de agudeza de espirito bastava para ver que existia uma segurança absoluta na elasticidade do seu talento, escolhendo «Deus lhe pague» para apresentação e provando assim que a sua arte não conhecia fronteiras de género; se era grande na farça, grande era também no teatro onde já é difícil ser mediocre.

Bem sei que a maioria dos artistas que, por fatalidade ou por tirania do público bronco é obrigada a não sair da comédia molieresca — mais grave que a tragédia (porque é mais espinhosa a missão de fazer rir, com inteligência, do que emocionar, comover as plateias) — cultivam, no íntimo, uma revolta contra essa escravatura; e ambicionam, como um sonho de grandezas o *outro* teatro. A tragédia de Charlot — o único histrião de verdade, de cérebro e de alma, que o cinema conseguiu hoje — reside na impossibilidade de fazer drama! O nosso próprio Soares Cor-

(Continua na pág. 15)

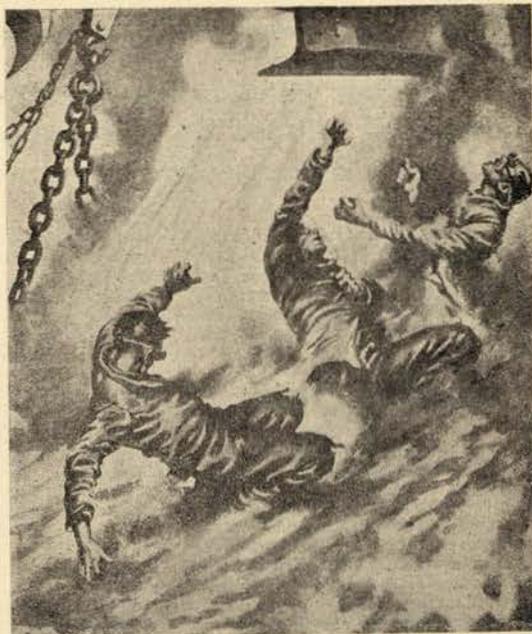
As gravuras sensacionais da imprensa mundial

Um ciclista com sorte



Nos arredores de Milão, um ciclista que atravessava a linha do caminho de ferro salvou-se, por milagre, posto que o choque fez com que saltasse para a máquina do combóio, ficando preso, pela roupa, a um ferro.

Um trágico acidente de trabalho



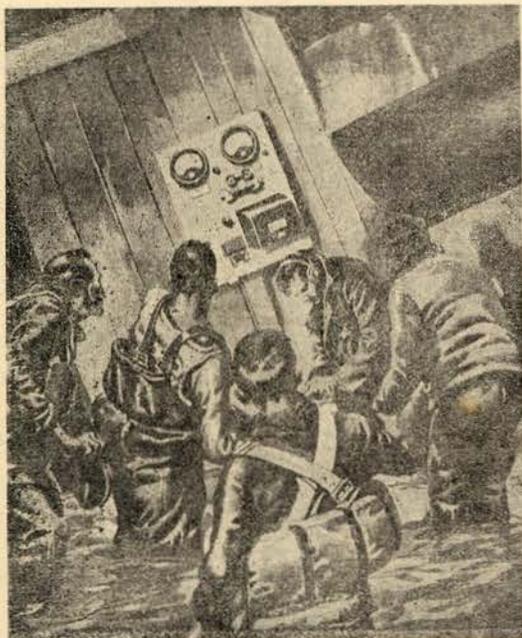
Em Lochist (Bretanha), quando estavam montando uma ponte móvel, quebrou-se um guindaste, caindo três operários num poço de líquido fervente, morrendo horrivelmente queimados.

Um formidável incêndio



Dois combóios de uma linha que atravessa uma floresta, na Roménia, chocaram-se, incendiando-se e enchendo de chamas a floresta — num incêndio que durou oito dias!

O último adeus duns náufragos



Antes de abandonarem o navio onde trabalhavam há 20 anos, e que naufragou nas costas da Irlanda, os tripulantes reuniram-se e escutaram comovidos a despedida do capitão do barco.

As nossas grandesas, universais e eternas

Das velhas feitorias em Antuérpia, no século XVI à Casa de Portugal na Bélgica e à Exposição de Bruxelas

AS «tertúlias» jornalísticas e intellectuais, desta Lisboa pacata — que vive o eterno «ram-ram» das vilas concelhias da provincia — foram na quarta-feira da semana passada, sacudidas até à medula por três palavras apenas:

«— Chegou Vitor Falcão!»
E todos os velhos camaradas do illustre jornalista, há tantos anos ausente no estrangeiro — lhe quiseram falar ouvi-lo, saber o que o trazia por cá.

Vitor Falcão é um dos «casos» mais curiosos, mais «fora do comum» de todos os portugueses. Iniciou em Portugal a sua vida jornalística com exitos consideráveis; mas a sua sensibilidade de requinte e o seu «feito» irrequieto procuravam horizontes mais largos, âmbitos mais desafogados.

Depois de sucessivas estadias, aqui e ali, fixou-se definitivamente na Bélgica onde hoje ocupa uma situação preponderante, enormemente destacada, quasi «inatingível». O seu triunfo foi rápido e deve-se em exclusivo ao seu talento.

Estava naturalmente indicado que o X entrevistasse Vitor Falcão — não só pelo facto duma velha e leal camaradagem o unir ao nosso director — como também pela certeza que essa reporta-

gem nos seria premiada, valorosamente, por preciosas revelações do melhor quilate jornalístico...

Abordámo-lo num hotel da Baixa... Causeur admirável fez-nos esquecer, por vezes, a nossa missão — para parecermos nós... o entrevistado!

«— O que me trás a Portugal é quasi uma missão diplomática no sentido rigoroso do termo. Como sabe, realiza-se, no próximo dia 26 de Abril, a abertura da Exposição Universal e Internacional de Bruxelas. Está assegurada a participação de 29 países o que basta por si só para se ajuizar do sua importância.

«Portugal é um país que ocupa, perante a Bélgica, uma situação excepcional. Os laços que nos ligam àquele país são seculares.

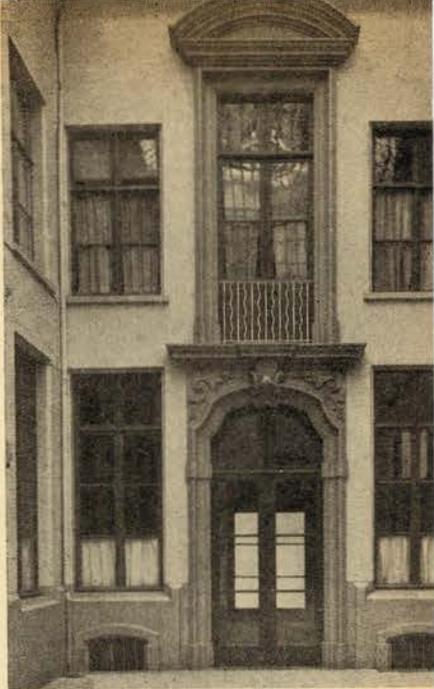
É de todos sobrejamente conhecida a influência dos «Mestres Flamengos» na nossa pintura e os sublimes «panaux» de Nuno Gonçalves são uma amostra eloquente.

«Quanto às relações comerciais elas vêm já do século XVI, naquela época em que os portugueses procuravam colocar as mercadorias que em consequência da descoberta da Índia, lhe vinham do Oriente distante. Estabelecemos ali uma espécie de feitoria e era tal a consideração e preponderância do nosso comércio que o «delegado português» (?) era o único estrangeiro que na frente do burgomestre se podia conservar de chapéu na cabeça e espada à cinta. Chamavam-lhe *feitor*, mas na verdade, estes homens eram sempre recrutados na «fina-flor» da nossa diplomacia. Na época presente a Bélgica é a nação do mundo mais semelhante a Portugal quanto a potência colonial, a população, a superfície, etc. Num caso de guerra estaremos num pé absolutamente igual, o que torna necessário um entendimento constante e um inter-câmbio orientado com inteligência e censo moderno das realidades. A «Casa de Portugal», em Antuérpia, procura realizar essa missão da forma mais satisfatória e prática. As deligências do dr. Alberto de Oliveira, ex-ministro de Portugal, na Bélgica, agora em Roma, e aos esforços do dr. Augusto de Castro, uma das inteligências mais argutas e um dos espíritos mais sábios que tenho conhecido, se deve o «Casa de Portugal»...

«— V. Ex.ª vem a Lisboa para...?»

«— Conseguir que o nosso país se faça representar condignamente na Exposição Internacional e Universal de Bruxelas.

«Eu não sou mais que um delegado da Casa de Portugal, realizando as «demarches» precisas para a nossa representação. A «Casa de Portugal» sabe que o governo português havia decidido não se representar oficialmente e eu venho aqui para conseguir que essa representação seja, pelo menos, officiosa. Estamos a mez e meio da Exposição. Tenho que me avistar ainda com as entidades



O edificio onde esteve instalada, em Antuérpia no século XVI, a nossa feitoria.

a quem o assunto mais interessa como sejam: os srs. Ministros das Colónias, e das Finanças; a Sociedade de Geografia, Agência Geral das Colónias, Consórcio de Conservas, Associação Industrial de Lisboa e Porto, etc., etc...

Em todos encontrei o melhor acolhimento e boa vontade o que torna possível ainda a nossa representação. Falta-me arranjar metade da importância necessária para isso (porque a Casa de Portugal em Antuérpia, contribui com a outra metade) e se tal conseguir, o que espero, partirei daqui a 8 dias.

«Já não é possível conseguir um Pavilhão como merecia o nosso esforço de povo produtivo e grandemente cotado no mundo. No entanto o Dr. Augusto de Castro conseguiu do Conde Arien Von Der Burch, comissário geral do governo belga, a concepção do direito de opção até 18 deste mês, do aluguer dum espaço com cerca de 300 metros quadrados, no «hall» internacional da Exposição, num dos melhores locais ao lado da Polónia e da Austria.

«— O que será a secção portuguesa?»

«— Se conseguir o dinheiro — como já disse — teremos a nossa secção dividida em 4 partes distintas. A primeira será a secção colonial, demonstrativa do nosso gigantesco e glorioso esforço ultramarino e que a «Casa de Portugal» desejará a confiar á «Sociedade de Geografia» e «Agência Geral das Colónias».

«A segunda será a Política — gráficos, estatísticas de estradas, telefones, etc... que ficaria muitíssimo bem entregue ao Secretariado de Propaganda Nacional. A terceira, Histórica e Turística que ao Conselho Superior de Turismo devia ser confiada e a 4.ª secção a Comercial e Industrial propriamente dita.

«— E o que visiona V. que venha ser a Exposição Belga?»

«— Só para automóveis estão construídas duas garages uma das quais comporta 10.000 carros e o número de visitantes calcula-se em 20.000.000! Estes números, creio, soam, como cla-

(Continua na pág. 15)



A actual casa de Portugal na Bélgica

Um roubo sacrilego

O caso da Cruz de S. Martinho d'Arvore

Um dos nossos illustres correspondentes em Coimbra — o brilhante artista e reporter Pedro Olaio, envia-nos a crónica que se segue. Bastaria a confiança que nos merece para nos assegurar a veracidade dos factos. Mas, além dessa calma pessoal — existe a realidade policial — que não nos permite duvidas. Este jornal não é «mata-grades» — quaisquer que sejam as ideologias dos que o escrevem. Contudo, neste caso, cremos que os católicos mais dogmáticos, estarão conosco por se tratar de uma purificação. Onde há ovelhas ranhosas — o que convem é... separa-las do rebanho».



Não é só nas grandes cidades, e nos grandes meios, onde aparecem de vez em quando, factos, que nos alvoroçam e nos enervam!

Não!

Nas pequenas aldeias, nos pequenos logarejos, de vez em quando suscitam certos casos, que por vez nos surpreendem, nos comovem e nos fazem pensar... Ora o caso que vamos narrar, passou-se há pouco, numa aldeia denominada S. Martinho de Arvore, a poucos quilómetros da cidade de Coimbra.

Emquanto a cidade adormecia pelos seus encantos, a aldeia próxima era vítima dum roubo, — daqueles que... afligem as sensibilidades mais gastas...

Uma imagem do Seculo XV roubada do seu altar

A noite tempestuosa e fria, fazia reinar um silêncio macabro na aldeia vizinha, e protegia assim na sua sombra, — a *silhouete* esgaldada de algo misterioso, que entre péssimos de lâ, abria a porta da igreja, e sem mais ser visto roubara a imagem, que tão sagrada era pelo seu povo, e pela sua crença...

Contudo, de manhã, muito cedo, quando alguém se vinha ajoelhar perante essa imagem de culto sagrado, viu com o maior espanto que essa imagem desaparecera do seu altar, ficando a alumiar a *nada* desse mistério, uma pobre lamparina que exalava o seu último suspiro por falta de azeite...

O povo de São Martinho de Arvore, protestou contra aquele desaparecimento. Algumas suspeitas havia, e em boca calada, segredava-se:

Será? não será?...

Contudo o misterioso personagem, escondido nas suas vestes negras, como a noite macabra dessa noite, vestida com a tristeza do seu próprio céu nebulado pe-

las nuvens de covardia e desanimo, o *senhor* reverendo, lastimava o facto, e com um olhar de piedade olhava o povo e dava-lhes coragem e fé, porque tudo quanto é sagrado, volta ao seu lugar, ou com um arrependimento, ou com os direitos de justiça, que se não fizeram para outra coisa...

E o povo dessa aldeia inconsciente saudava o reverendo que segundo nos parece tem sido um *globe trotter* das doulas de Cristo.

...A suspeita caiu no *senhor* reverendo. E' chamado à responsabilidade e éle trinas de Cristo.

Podia lá ser que o *senhor* reverendo Correia dos Santos Cazêlho, roubasse ao altar de Deus, essa imagem sagrada e tão preciosa?

Passado dias, o hábil agente da P. I. C. José de Macedo, recebeu no seu gabinete a visita do padre a confessar-se arrependido de ter roubado a referida imagem.

Confessou o crime, e disse, batendo com a chave da mão no peito: — que o fizera, fôra simplesmente com os fins de vender a imagem por 4 a 5 contos a certo antiquário desta cidade cujo dinheiro empregaria depois em obras de igreja...

E o dignissimo agente perguntou-lhe

então com um certo ar de ingenuidade, (aparente)... onde guardara a imagem.

E o *senhor* reverendo olhando o chão, com um olhar piedoso, depois de demorar um pouco a frase questionada, disse com a sua voz monossilabada:

A imagem enterrei-a, e dias depois quando vi em meu redor toda a responsabilidade, fui buscá-la ao seu lugar e abandonei-a...

— Abandonou-a para evitar suspeitas? Disse o agente Macedo.

— Sim!

— Mas quem foi que conduziu a imagem?

— Explico: a imagem foi conduzida num carro de mão por mim ao local onde a deixei enterrada.

Depois de ter abandonado tudo para evitar suspeitas, fui para casa e adormeci tranquilamente...

Nós, como jornalistas, e demais no nosso género de reportagem, podemos fazer suscitar uma ideia, e levá-la até ao fim conforme a nossa consciencia a ditar e se oferecer.

A nós parece-nos; — primeiro — que o sr. reverendo não se prestaria a puchar uma carroça (?) porque não foi acostumado a trabalhos pesados, enquanto a imagem pesava uns 70 kg., e para a tirarem do lugar não bastava um só homem por mais musculoso possível que fosse...

Talvez, o sr. reverendo se fizesse acompanhar de seu irmão homem possante que com facilidade com a ajuda daquele a poria às costas e leva-la-ia ao seu determinado lugar.

No fim de contas a maquia seria reparada entre ambos com os fins de *melhoramentos à igreja matriz*...

Ora assim é que devia de ser.

O sr. reverendo ainda está a tempo de dizer a verdade, e se confessar-se a si próprio, há de ver que os direitos sagrados da madre igreja, nunca se devem desviar porque o sr. reverendo não é um autonomo... é um homem a quem tem de prestar contas ao *estado à junta*, e inclusivamente à *justiça*.

A justiça, parece-nos que o caso já está bem entregue, pois o dignissimo agente da P. I. C., sr. José de Macedo, que tão brilhantes provas tem dado de sua inteligencia em assuntos deste género — crime — não descorará o assunto e fio a fio, saberá toda a verdade dessa meada que peza sobre o *senhor reverendo* que tão boas provas de capacidade deixou em Soure, em Vila Verde e por agora em São Martinho de Arvore.

PEDRO OLAIO

Quereis
dinheiro?
JOGAI NO

Lama

R. do Amparo, 51
LISBOA

Sempre sortes grandes

«A Mêsca de Ouro» e «A Mêsca de Prata»

(Continuação da página 9)

de ler a *ficha* — consultei, num bocejo, o relógio: onze horas.

O primeiro que os meus olhos, encardidos pelo sono, se aperceberam foi um enderêço: «Wine-Street».

Alertou-me a coincidência. Tinha sido num cabaret russo daquela rua — onde eu estivera a aturdir-me até de madrugada... E logo me feriu à memória a lanterna vermelha do posto policial...

«Mr. Dyson — sargento — detective do posto de «Wine-Street» deseja falar ao sr..., quarto 682».

— «Diz-lhe que suba — visto que eu ainda estava deitado — ordenei ao *groom*.

O sargento Dyson era um gigante, vestindo como os militares que um dia capricham em aparecer à paisana. Entrou bisonho, gélido, com poucas palavras. Sem preâmbulos perguntou-me o nome, a idade, a profissão, a nacionalidade, a data da minha entrada em Inglaterra, e donde vinha — interrogatório desnecessário visto que imediatamente compreendi que êle tinha tudo apontado no seu *block-notes*.

— «E a sua profissão? O que faz em Londres?»

— «Sou jornalista — e estou em missão jornalística. Além disso sou proprietário e director dum jornal no meu país.

— «Pode prová-lo?»

Exibi-lhe o passaporte, as credenciais, vários exemplares do meu jornal — um com o meu retrato, toda a documentação irresponsível. Pouco a pouco a carranca do sargento foi-se aliviando até à sua expressão gentil — amena, pelo menos.

— «Bom... Bom... Houve um equívoco, parece-me! Mas o senhor não é polaco? Nunca viveu em Varsóvia? Não conhece *Miss Elder Adrevisky*?»

A cada interrogação — abanava a cabeça, num sinal negativo. Mas eis que êle me dispara:

— «Nunca ouviu falar na «Mosca de Ouro»... ou na «Mosca de Prata»...?»

Mecanicamente, repeti o movimento negativo — embora da consciência se erguessem labaredas que me afogavam as faces a ponto de temer que alertassem o olhar fixo, do polícia. Mas êle, já confiado, não o notou... Houve um silêncio — durante o qual me interroguei a mim próprio: porque menti? porque não lhe contei tudo? porque não lhe mostrei a prova que trazia sobre o peito?

— «*All right!* rematou o sargento. — Estou absolutamente convencido que houve equívoco. De todas as formas, se os meus chefes quiserem, pode dar-nos nomes de individuos de toda a respeitabilidade e que habitem em Londres — e que sejam fiadores... da sua personalidade?»

Decerto... E indiquei-lhes diplomatas, jornalistas, médicos ingleses, até... Apontou-os, alargando o seu sorriso. Quando se despediu — arrisquei:

— «Mas, sr. sargento, não posso saber que confusão foi esta que em envolveu...?»

O sargento alçou os olhos, num ar de eunuco, guardião das chaves dum harem a quem lhe pedem para deixar examinar as odaliscas sob a sua guarda — e disse apenas:

— «A ninguém confio o segredo das minhas missões — e menos a um jornalista; e eu dou-lhe a minha palavra de honra — creio que o sr. é apenas jornalista — e felizmente para si!»

Saiu — e eu repeti, pela segunda vez,

em poucas horas, o mesmo grosseiro vocábulo:

— «*Bolas!*»

A polaca

Nesse dia, mourejando as minhas boas seis horas, em *raids* de taxi a vários extremos de Londres — sob um verdadeiro temporal e a escrever, à pressa, pelos cafés onde desembarcava — consegui acalmar de novo. Jantei — acompanhado — uma companhia frívola, uma francesa de exportação — que comeu muito, falou muito, e me fez rir por vezes...

Não faça isso!



Estar constantemente a pôr pó de arroz é mau para a pele

Muitas mulheres julgam que devem estar sempre a pôr pó para impedir que o nariz e o rosto se tornem luzidios. Nunca se lembram do resultado que isso pode ter para a pele.

Um processo novo e bem pensado permite agora a toda a mulher pôr pó de arroz, uma única vez em todo o dia, de manhã por exemplo. Uma colher de chá de «mousse de creme» (espuma de nata) acrescentada ao pó de arroz preferido torna êste tão aderente que se mantém, apesar do sol, do vento ou da chuva e até na mais sobreaquecida das salas de baile.

No pó Tokalon a «mousse de creme» é cientificamente misturada com o pó micelar mais fino que há.

Por isso é o pó Tokalon o único e verdadeiro pó de arroz com «mousse de creme». Actua como um maravilhoso tónico da pele, estimulando os tecidos e não obstruindo nunca os póros — o que pode acontecer quando se põe constantemente pó.

Aplique Pó Tokalon no vosso rosto amanhã pela manhã, e observe os resultados.

Pode adquirir êste pó em qualquer perfumaria ou então pedi-lo à Agência Tokalon de Lisboa, Rua da Assunção, 88, (secção X), que atende na volta do correio.

Só quando a deixei — tirei do bolso os jornais da noite que ainda não lera. Logo na primeira página — defrontei-me com uma «en-tête», chamativa como uma campanha de cinema: *Ultima hora: A Série Sangrenta — Mais um crime misterioso — Na estrada de New-Castle aparece morta uma jovem estrangeira*.

A notícia dizia: «Quando a nossa 2.ª edição ia entrar nas máquinas recebemos pelo telefonado dos nossos repórteres, a seguinte comunicação — forçadamente lacônica, pela rapidez com que foi transmitida:

«Perto das 5 da tarde, a meio da estrada de Londres para New-Castle foi encontrado o cadáver dum jovem que trajava com discreta modéstia e que devia orçar pelos seus 25 anos. Ao primeiro exame suspeitou-se dum crime — embora não apresentasse outros sinais senão umas manchas pelo corpo que indicaram ao médico uma violenta intoxicação e umas ligeiras picadas no dorso. Feito um rápido inquérito soube-se que essa jovem se apiara dum auto, frente a uma loja da estrada — (pelo que foi vista pelo dono dessa loja) — sendo aguardada por um cavaleiro de que mal se via o rosto, por ter a gola erguida e o chapéu enterrado até às orelhas. Ela estremeceu ao vê-lo e fizera ainda um gesto para chamar o auto — que já abalara em grande velocidade. Ele reteve-a — e os dois seguiram a estrada discutindo com calor! A uns 200 metros da loja foram vistos por um comerciante de New-Castle que vinha para Londres no seu carro — e que esteve quasi a freiná-lo porque os julgou ver envolvidos num verdadeiro *corp-à-corp*...»

«Neste curto prazo pouco mais se apurou. Pela documentação encontrada no saco de mão da vítima — sabe-se que ela era solteira, 23 anos de idade, que é natural de Varsóvia, residente há dez anos em Londres embora, se veja pelo seu passaporte, que fez frequentes viagens ao estrangeiro — neste período e que se chama Elder Adrevisky.

«Um detalhe curioso — que muito intriga a polícia e a que a polícia liga especial atenção: na gabardine da vítima, do lado das costas, estava cravada pelas minúsculas patas — uma «Mosca de Ouro».

Ao terminar a leitura — suava! Alvorçara-me já o nome da morta — o mesmo que o sargento Dyson pronunciou naquela manhã: Elder Adrevisky; mas... a «Mosca de Ouro» — aquela «Mosca» que mordera a gabardine da polaca... Estaria ligada ao seu destino? E logo me acudiu a ideia da «Mosca de Prata»... Instintivamente deixei cair o jornal sobre os joelhos e apalpei a medo o casaco — sob o qual estava a «Mosca de Prata».

Ergui de novo o jornal... Ilustrava a notícia uma gravura que eu não notara. Fixei-me: era um retrato de mulher! Empaledeci! Era a misteriosa jovem que acompanhava o tenente estrangeiro — a que invadira o meu quarto de madrugada, a que me... *pregara* a «Mosca de Prata» na camisola! Nesse caso... Nesse caso — ela era Elder Adrevisky, a polaca...

E mal sabia eu as surpresas que me estavam reservadas — sob o rótulo desse nome ou sob o rótulo das tragédias «da mena noite e sete!!!»

REPORTER X.

(Continua no próximo número)



Um redactor do «X»

(Continuação da pág. 5)

Escutando, um antigo comerciante, empobrecido

Para fechar as entrevistas da semana, escolho ao acaso, um velhote que passava, metade num sobretudo coçado que fôra bom há vinte anos. Era o sr. António Maria Lopes, morador na Calçada dos Cavaleiros — uma figura de pessoa que teve alguns meios, e a quem o encurro da vida arrastou para a miséria, em sua enorme corrente.

Faço a pergunta, que de tanto repisar, tem já para mim alguma coisa de estribilho: — O que pensa da vida.

— O sr. parece que está a «reinar»? Convenço-o de que lhe falo muito a sério, e o sr. Lopes fica-se a responder: — Olhe: a vida vai boa para os ricos, para os que têm bons empregos e para os desonestos.

Aqueles que trabalharam toda a sua vida, no fim da velhice, é...

E continua: — tive uma vida desafogada. Durante muitos anos negocieei na praça de Lisboa, e consegui amealhar uns vintens. No tempo da Grande Guerra, enquanto alguns que eu conheço rasgavam altos prédios nas Avenidas Novas, eu continuava a ser o mesmo.

Depois veio a crise ou lá o que lhe quiserem chamar, os impostos a crescerem, a freguesia a deminuir. E foi então a catástrofe: fali.

— E agora, qual a sua profissão?
— Sei lá. Estou inscrito no Desemprego, e continuo desempregado.

Para terminar, uma pergunta: — Se não fosse «desempregado»...

— Desejava ser um comerciante sem escrúpulos. Sorriu-me e despeço-me, olhando em cada uma das pessoas que subiam o Chiado àquela hora, uma tragédia viva, real, humana.

G. P.

As nossas grandesas, universais e eternas

(Continuação da pág. 12)

rins — e bastam para nos elucidar. Portugal só lucrará com a ida a Antuérpia. A Bélgica é o nosso 4.º consumidor em cortiça, sardinhas de conserva e produtos colonias. Nós batemos lá toda a concorrência nestes géneros e não recamos confrontos. Mas na parte «Vinho do Porto» 80 por cento do consumido é falsificado e isso traz-nos enormes prejuízos quer materiais quer morais — sobretudo na propaganda. Portugal fará, em 1936, uma Exposição Internacional de Colónias. Se nós não formos as Antuérpia, a Bélgica não viria a Portugal o que será uma lacuna tremenda!

«Além disso posso garantir-lhe que a Exposição de Antuérpia será sobre todos os pontos de vista muito mais importante que a de «Vincennes» e não faria sentido que Portugal despresasse esta oportunidade de mostrar ao mundo que não descora a herança de glória e de Riqueza que recebeu dos seus antepassados.»

E já no hall do hotel, no último apêrto de mão de despedida, Vitor Falcão disse-nos ainda:

«— Repita mil e uma vez que a minha curta estadia aqui se deve á iniciativa e inteligência do Dr. Augusto de Castro e que eu não sou mais que um intérprete das suas admiráveis intenções patrióticas e da sua brilhantíssima visão diplomática.»

S. B.

Deus lhe pague

(Continuação da pág. 10)

reia, um cómico de valor, me confidenciou uma vez que não queria morrer sem se afirmar no drama!

* * *

Mas «Deus lhe pague» — não é positivamente um drama. É, pelo contrário, a mais complexa das comédias para um artista. É a iornia superior, que faz sorrir, que castiga e portanto amarga uns; que comove, com a força dum drama — na digestão das suas frases mais risonhas. E foi resolvendo o problema, com a abdicção total de «rodri-guinhos», de lugares comuns, de recursos técnicos que ele sabe de cor — que Procópio provou o artista que é...

* * *

Eu já fui mendigo! No início da minha carreira de jornalista, na ânsia jovem de galgar, de iluminar-me — empreendi uma reportagem de acção e «à sensation» para *A Manhã* do pobre Mayer Garção — vai para 20 anos! Andei três dias e três noites, encascado de andrajos e farrapos encardidos, semi-descalço, lamuriando misérias e estendendo a mão á caridade pública. Não se pode esgaravater um pouco o «assunto» da mendicidade — que não nos acuda logo e inteira a filosofia que Joracy Comargo esbanja na sua obra. É mesmo talvez a única — mas ligeira deficiência — do *bloco* da peça... Conta-se que um jornalista inglês, um dia, fazer também uma reportagem sobre mendicidade. A esposa e o director da gazeta eram os únicos confidentes. Marcou uma semana de ausência — e um mês depois não reaparecera. Alertaram-se os confidentes — e á sexta semana avisaram a policia. O jornalista foi encontrado ainda a esmolar. Desmascarado confessou que, ao concluir que os lucros da pedincha ultrapassavam muitas vezes os das letras — se decidira por aquell'outra profissão. E muitas outras histórias há sobre a matéria: a duma condessa que para manter o luxo a que se habituara — andava, pela madrugada, estendendo a mão á caridade; um conto de Lerroux; e até um romance de Wenceslau Flores. Contudo nenhum escritor agrupara, amealhara tantos aspectos, e nenhum os aproveitara na directriz de Camargo. O seu recorte técnico, novo em folha, apesar da confusão de certos críticos que amalgamam agora tudo que não seja lugar comum e velharia, rótulo de *pirandellesco*, o seu interesse e a sua garra, a leveza mesmo quando se torna inverosímil, num palco, prolongar os diálogos como elle os estende — e sem fineza do público, pelo contrário — deram-nos a garantia dum dramaturgo a enfileirar-se num alto friso de «ases» da literatura teatral.

Ah! Esquecia-me dizer... Se todo o público aplaudiu — nem todo gostou. Aplaudir era um dever de decência — um dever enjoativo e tartufiano — mas um dever de bom tom. Mas por vezes (disse-me José Osório que estava a meu lado) vendo as contracções de certos rostos dos camarotes e plateia, tinha-se a impressão que lhes haviam servido óleo de ricino como se fosse compota de ginja e que elles, por delicadeza, diziam:

«— Está explêndido!
Pudera! Se o autor os estava retratando!

R. X.

Revelações e estatísticas sobre a nossa literatura e a mundial

(Continuação da pág. 6)

o cidadão só gasta dinheiro quando o objecto comprado representa uma necessidade ou um prazer. Nestes lugares comuns — quanto a mim — se resumem todos os problemas da crise do livro! A maioria, uma maioria que não é totalmente analfabeta e que pode gastar uns cobres e que sente a ânsia de voluptuarisar o espirito — tanto assim que vai ao cinema, que lê jornais, etc. —; aquela que, no século passado dava movimento ao mercado livreiro — desabitou-se do livro — porque? Chegava à montra disposto a adquirir algo que lhe desse uma noite amena, em casa — e comprava uma obra que não entendia ou uma versalhada que o fazia bocejar á primeira quadra. Dava por mal empregado o dinheiro — e não voltava às montras dos livreiros. Mas se, pelo contrário, encontrava uma obra que o suggestionava, o apaixonava, fazendo esquecer as horas, obrigando-o a sobraçar o volume para a repartição — naturalmente que, terminada a leitura vinha o desejo de repetir o prazer...

Depois, o hábito de ler — e os efeitos de leituras continuas, produzem, automaticamente, uma evolução espiritual, acompanhada de novas exigências. É assim que atrás do êxito do livro plebeu vem o triunfo do livro mentalmente aristocrático.

* * *

É este o meu critério; e se elle está certo — foram os próprios escriptores, perseguindo, vexando, os colegas... quem provocou, em Portugal, a crise de todos os livros...

REPORTER X.

Talentos, fenómenos, vocações «à la surprise»

(Continuação da pág. 7)

Seria admirável se não fosse assombroso.

Um prodigio de fato de «ganga»

Na Metalurgica Artistica, á Rocha Conde Obidos, há um operário metalurgico, justamente considerado o melhor do seu «metier» que é um formidável matemático e um jogador internacional de xadrez. Chama-se Carlos Martins e vive na Rua do Olival a dois passos da officina. Todos os problemas do «Lello» e do «Bertrand» são para elle obra de alguns momentos apenas. Resolve-os quasi instantaneamente e jámais se enganou. Problemas intrincados de logarimos, equações, polinómios, regras de três, tudo enfim que fór matemática é obra de minutos no seu cérebro.

Como jogador de xadrez bate-se diariamente — por correspondencia — com os melhores campeões do mundo e tem obtido resultados espantosos.

A sua última victoria foi sobre o campeão polaco — o maior da Europa — Pedrowsky; mas foi uma victoria rápida, fulminante, espantosamente «cientifica».

O que será este homem?

O que seria com um curso superior dirigido na linha recta das suas estendidas facultades?

É caso para pensar...

SILVA BASTOS

Móveis, Estofos

e Decorações

Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Província

Rua de Belem, 80-82

Telefone: Belem 237

LISBOA

Sortes e Prémios Grandes

só o

José Pedro

OS VENDE!...

R. do Ouro, 203

R. do Arco Bandeira 173

Café Agua d'Ouro

O mais central e higienico do Porto

AMPLO SALÃO DE BILHARES—JOGOS DE VASA

Praça da Batalha—PORTO

A LISBONENSE

DE

António dos Prazeres Lança

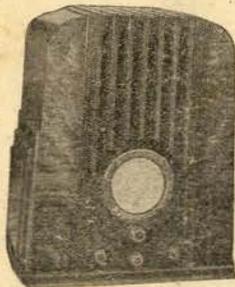
Rua José António Serrano

(à Rua da Palma)

Fábrica de colchões de arame e divans com molas (exclusivo). Sortido variado de édredons e capas para divans em lindos tecidos e mais artigos. Pedir o nosso catálogo. — Confrontar nossos preços. Tel. 2 7741



FAIRBANKS-MORSE



7 lampadas, on-
das de 11 a 560
metros garantido
por um ano

**BONUS
DE
20%.**

Telefone 44676

Aven. Alvares Cabral, 41—LISBOA

Oficina de estofador

DE

E. Campos & Ferreira

Rua Duque de Loulé, 237

PORTO

Casa especializada em capotes, estofos,
chapeiro e soldaduras a autogenio
Carrosseries completas
Execução cuidadosa de todos os trabalhos
automobilísticos
Ferreagens, Carpintaria e Pergamoides
Garantem-se todos os trabalhos
Rapidez — Modicidade — Perfeição

TELEFONE 2060

SÃO
FILMES

CASTELLO LOPES (S. A. R. L.)

OS MISERÁVEIS

A noite dum grande amor

O Grande Industrial

Se Eu Fôsse o Patrão

A Canção de Uma Noite

CASTELO DO SONHO

Caprichos de Princesa

Casamento do Sr. Director

A LAGARTIXA

O Abade Constantino

O ESCÂNDALO

O MONSTRO

Pamplinas, O Rei dos Campos Eliseos

O Juramento de Lagardére

LISBOA

Praça Marquez de Pombal, 6

Telefone 46189

PORTO

Telefone 2400